

MOBILIDADE GEOGRÁFICA DE TRABALHADORES RURAIS NO PROJETO SENADOR NILO COELHO

Selma Maria Rodrigues de Andrade ALVES; CEFET Petrolina, BR 235, km 22, PISNC, Zona Rural, (087)3862-3800, e-mail: selmandrade@gmail.com

Adelmo Carvalho SANTANA; CEFET Petrolina, e-mail: adelmosantana@gmail.com

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo retratar a trajetória de vida do trabalhador rural assalariado do Núcleo 4 do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho em Petrolina-PE. Através da metodologia de estudo de casos e histórias de vidas verificou-se que situações diversas, a exemplo do modelo de modernização utilizado no Brasil, resultaram em mudanças nas relações de produção no setor agrícola, que terminaram por substituir ou expulsar mão-de-obra. Muitos desses trabalhadores visualizaram no desenvolvimento da fruticultura no Vale do São Francisco como uma promessa de emprego e lançam mão da mobilidade geográfica para procurar melhor inserção profissional. Assim, a trajetória de vida mostrou que além de saírem de suas terras em busca de melhores condições de sobrevivência, o trabalhador decide permanecer na região ao invés de retornar a sua cidade de origem, ao contrário do que se verifica em outras regiões do país, como o Vale do Jequitinhonha-MG, que registra históricas idas e vindas de trabalhadores rurais.

Palavras-chaves: trabalhadores, trajetória de vida, assalariado, mobilidade.

1. INTRODUÇÃO

As cidades de Petrolina em Pernambuco e Juazeiro, na Bahia, localizadas às margens do Rio São Francisco vêm assistindo nos últimos 20 anos a um desenvolvimento considerável, graças principalmente, à fruticultura irrigada que tem provocado grandes transformações socioeconômicas nesses municípios. A expansão foi impulsionada por incentivos do governo, com a implantação, na década de 1970, de projetos pilotos de irrigação, a exemplo do Mandacaru-BA e Bebedouro-PE, que permitiram a introdução de culturas como a manga e a uva bem como o aumento expressivo da produção de culturas tradicionais, como cebola, melão e tomate. Tais produtos eram destinados às empresas agroindustriais implantadas na região para atender ao modelo de modernização da agricultura fomentado principalmente por recursos estatais. As agroindústrias formavam complexos agroindustriais, os chamados, CAIs, conforme MARTINE (1991) e GRAZIANO DA SILVA (1996). Mas o potencial de produção, a partir da irrigação, já tinha sido demonstrado através de estudos técnicos desenvolvidos pela EMBRAPA incentivados e coordenados pela CODEVASF e a estrutura física para escoamento já bem adiantada. Investiu-se fortemente na produção frutífera na década de 90 que acabou dando certo.

Portanto, a implantação do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho – PISNC, já na década de 80, consolida a região como grande produtora de frutas, passando dessa forma, de uma agricultura de sequeiro com produção, basicamente, de auto-subsistência e a pecuária caprina e ovina à agricultura competitiva com altas tecnologias, que promovem o destaque da região e sua inserção no mercado internacional, (COLLINS, 1991). Segundo GRAZIANO DA SILVA (1996:171) os integrados são médios e grandes produtores estabelecidos em regiões como Centro-oeste, Sudeste e Sul do país, predominando em regiões como Norte e Nordeste, pequenos produtores não integrados, confirmando o caráter excludente da modernização conservadora da agropecuária brasileira. Contudo, o próprio autor destaca algumas exceções nas regiões ditas mais pobres, como é o caso do Vale do São Francisco em Pernambuco, a Zona canavieira de Campos no Rio de Janeiro e ainda, os cinturões verdes próximos às grandes cidades, dentre outras.

Segundo dados da CODEVASF, a implantação do Projeto gera cerca de 75.000 empregos diretos e indiretos, os quais atraem trabalhadores das mais diversas regiões do Brasil, especialmente do Nordeste. Muitos desses trabalhadores procuram inserção não só na agricultura irrigada, como também nos setores de serviços que terminam por atingir certo crescimento também, conforme Bloch (1996). Observa-se a significativa presença de baianos dos municípios de Curaçá, Casa Nova, Remanso, como também de cidades pernambucanas, a exemplo de Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Cabrobó, Belém do São Francisco, Dormentes e Afrânio, dentre outros, assim como pessoas de outros estados do Nordeste e de outras regiões do país. Esses municípios possuem tradição em agricultura de sequeiro e utilizam-se da mobilização geográfica para se tornarem empregados, diaristas, ou "bóias frias", como são conhecidos aqueles trabalhadores rurais que têm contratos temporários, geralmente no período da colheita, e viajam diariamente em caminhões inadequados, ou ônibus superlotados, levando sua própria alimentação a qual comem frias por não terem condições de esquentá-la na hora do almoço.

Contudo, cada ator social envolvido no processo lança mão de estratégias próprias para responder aos desafios da nova realidade. Como não se conhecem políticas públicas que oportunizem a esse trabalhador uma melhor inserção nesse mercado de trabalho, cabe ao trabalhador mobilizar-se para conquistar seu espaço na luta pela sobrevivência, reprodução social e dignidade. Desta forma, observam-se grandes diferenças socioeconômicas na região.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com GONÇALVES (2001) desde os primórdios da história os seres humanos se movem em busca de melhores condições de vida, sendo o fenômeno algo constante convertendo-se, ao longo da história da humanidade, em um processo de enriquecimento econômico, social e cultural sem o qual não se poderia explicar a sociedade.

Dessa forma, muito mais complexo que o simples sair de uma região para outra, o conceito de migração deve ser compreendido como a oportunidade para aquele indivíduo que opta ou é forçado a se transferir, sozinho ou com a família para uma nova região ou mesmo país, seja por um período de tempo longo ou breve. Contudo, de acordo com o autor, a migração costuma mostrar-se como o lado visível de fenômenos invisíveis, sendo difícil falar em migração sem relacioná-la à pobreza e à exclusão social. O autor ressalta

que grandes deslocamentos e pobreza constituem duas faces da mesma problemática estrutural da sociedade brasileira, mas que vinculá-las sem maiores aprofundamentos seria apenas senso comum.

Ao longo da história a concentração de terras, riquezas e poder só se fizeram aumentar, alimentada por uma elite conservadora avessa a transformações. Não raro, explodem conflitos na luta pela terra inclusive com mortes para a manutenção da hegemonia fundiária. A falta de uma política agrícola com base em uma reforma agrária que disponibilize terra e condições de trabalho para a produção poderia atenuar tantos deslocamentos. Entretanto, de acordo com GONÇALVES (2001) “A coexistência entre uma elite abastada e a conclusão social da maioria da população é uma realidade da história deste país”.

Assim, o avanço do capitalismo e suas formas contraditórias de atuação mostram que ao mesmo tempo em que possibilita a introdução de altas tecnologias que otimizam a produtividade, traz consigo a precarização das relações de trabalho impondo ao trabalhador a flexibilização. Esta se caracteriza principalmente pelo aumento dos empregos informais e a demanda de mão-de-obra barata para a realização de trabalhos duros e penosos. A migração tem grande influência sobre a trajetória de sertanejos nordestinos que tem suas raízes em cidades interioranas do Nordeste, mas desloca-se para vários estados do país em busca de trabalho.

É verdade que nesta caminhada outros fatores interferem ou contribuem para a concretização ou a mudança dos sonhos, pois, a falta de qualificação, a baixa escolaridade, a concorrências com outros trabalhadores, as adversidades encontradas nos locais de destino concorrem para mudanças, como a busca de outras ocupações.

Verifica-se a necessidade de adoção de políticas públicas que assegurem ao migrante a condição de viver com dignidade. Segundo Jones (2003) em artigo que ressalta as perversidades e explorações próprias do capitalismo e onde sentencia sua superação por um modo mais eficiente de reprodução social a partir de um tipo especial de cooperação avançada, a exploração do homem pelo homem é uma contradição com a necessidade de cooperação e solidariedade, condição indispensável para assegurar o bem estar de todos. A intensa mobilização que se observa no mundo em geral constitui-se numa tentativa de busca deste bem estar e superação das desigualdades. De acordo com GONÇALVES (2001) a mobilidade humana converteu-se em um fenômeno planetário, pois, impelidos a uma mobilidade freqüente em que trabalhadores são atraídos por pólos de desenvolvimento nos mais diversos pontos do país, verificam-se que tais trabalhadores são necessários para a realização de trabalhos, principalmente os mais penosos por se constituírem em mão-de-obra fácil e barata. Entretanto, tem seus direitos negados com base na flexibilização e precarização do trabalho.

2.1 Mobilidade geográfica

De acordo com BRAIDO (1980) a mobilidade dos brasileiros é um dos fatos mais impressionantes em sua história. Visto que o deslocamento populacional no Brasil atinge cerca de um terço da população. São muitos fatores de expulsão e de atração, os quais variam de região para região, mas geralmente, é comum os objetivos dos que partem: a tentativa de prover melhores condições para a reprodução material daquele grupo social que se desloca.

Klein (2000) apresenta também os fatores de atração para a população migrante entre os quais a implantação de grandes obras ou projetos, crescimento da produção industrial ou agrícola. A estagnação de economias e o desenvolvimento de regiões constituem, respectivamente, fatores de expulsão e de atração para trabalhadores que procuram melhorar suas condições de sobrevivência. Há de se concordar com o autor quando afirma que os dois fatores não são excludentes e que a atração e a expulsão não ocorrem em termos absolutos, mas se definem uma relação a outra, dando-se uma conjugação concreta da necessidade e da oportunidade. Para GONÇALVES (2001) esse êxodo rural, intensificado ao longo do tempo, ainda pode ser considerado o maior movimento espacial da população brasileira e atinge em maior ou menor grau a todos os estados brasileiros. Um estudo realizado por estudantes de economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), publicado na Folha de São Paulo (PRADO, 2006), mostra que “cerca de 20% da população brasileira é migrante. Boa parte do fluxo migratório é dos que nascem nos Estados do Nordeste para os estados do Sudeste, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo” Contudo, GONÇALVES (2001) já apontava que essa urbanização vem sofrendo modificações, uma vez que cidades médias e pequenas vêm recebendo com maior intensidade esse contingente.

O Nordeste tem fortes e históricas tendências migratórias devido a fatores de expulsão como as condições climáticas, econômicas e questões político-sociais. Tais migrações podiam ser observadas ainda na época

colonial, quando as crises que afetavam a indústria do açúcar, na Zona da Mata empurrava, parte da mão-de-obra para a pecuária do sertão. Pelas características do trabalho ali desenvolvido a região não comportava toda a demanda migrante, resultando no excesso de mão-de-obra (Andriguetti, 1998).

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Foi focalizado o trabalhador rural do N 4 do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho em Petrolina-PE. A partir de dados primários e secundários procurou-se responder ao seguinte questionamento: Que processos histórico-sociais motivaram a mobilidade geográfica que se verifica no Núcleo 4 do PISNC e que implicações tal mobilidade acarreta na trajetória de vida desse trabalhador?

Foram identificadas as principais trajetórias geográficas dos trabalhadores que migram de áreas de sequeiro para a cidade de Petrolina-PE; descreveu-se a ocupação e as relações de trabalho do trabalhador no local de origem e analisou-se os motivos que o levaram a migrar para Petrolina, identificando as particularidades das relações e condições de trabalho dos assalariados através de sua história de vida.

De acordo com Haguette (1992) a história oral constitui relevante recurso para se captar e preservar com fidelidade fatos e relatos, frutos de fontes pessoais que podem preencher lacunas que documentos escritos não foram suficientes para dar conta.

O trabalho foi realizado dentro do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, na Comunidade do Núcleo 4. Tal comunidade é formada por colonos, os quais possuem lotes de até 06 ha, empresários com lotes de áreas superiores e trabalhadores rurais que moram de aluguel na agrovila ou se deslocam diariamente. Geralmente trabalham nos lotes membros familiares e trabalhadores contratados temporariamente. De acordo com CAVALCANTI (1998:159), “os produtores e trabalhadores tendem a trabalhar no campo e morar nas cidades. A cidade torna-se também uma referência para a educação dos filhos”. Ainda para a autora eles preferem as cidades porque as áreas rurais não oferecem um espaço de sociabilidade esperado. Segundo dados do DISTRITO DE IRRIGAÇÃO aproximam-se de 450 o número de trabalhadores em época de colheita de uva e acerola, sendo esta última responsável pela maioria das contratações, por constituir o carro chefe deste Núcleo. Diferentemente de outros núcleos do PISNC em que predominam a uva ou a manga.

Para a captação de dados, foram aplicados 47 questionários a trabalhadores rurais da fruticultura irrigada que atuam no núcleo 4. A aplicação dos questionários foi realizada pela pesquisadora, que registrava as respostas dadas pelos trabalhadores.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir de dados primários obtidos junto aos trabalhadores rurais do Núcleo 4, traça-se a história de vida de trabalhadores assalariados no que se refere à mobilização geográfica utilizados como alternativa de provocar mudanças em situações que não mais permitia a reprodução social de forma adequada.

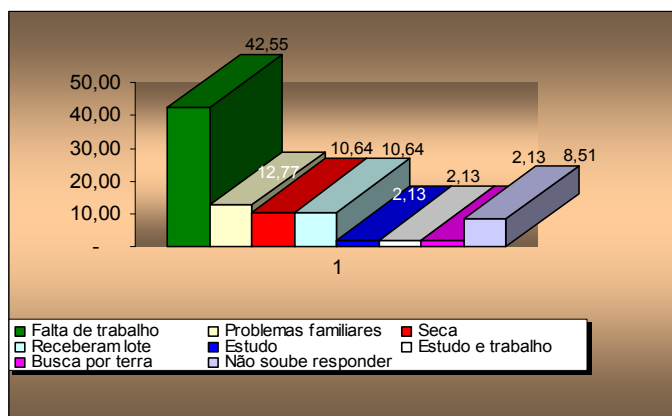


Figura 1 - Motivos que levaram o trabalhador a migrar

Assim, retrata-se o modo de vida desse trabalhador que, como sujeito social que vivencia a realidade da fruticultura irrigada, precisa responder aos desafios impostos por ela. As tramas das relações sociais se dão em um cenário que exige desse ator social a postura de quem apostou na busca de oportunidade acenada com a implantação do Perímetro.

São trabalhadores originados de municípios circunvizinhos de Petrolina e Juazeiro que saíram de suas localidades em busca de trabalho nesta região. Tais trabalhadores tiveram como principais fatores de expulsão a baixa produtividade dos solos devido a falta de chuvas; alterações nas relações de produção modificadas pela implantação da modernização conservadora da agricultura, em que o grande capital necessitando de terras para a expansão da agricultura, dispensa o arrendatário para ter condição de utilizar toda a terra. Dessa forma, ratifica-se o pensamento de Klein (2000) a respeito das motivações para mobilidade geográfica, quais sejam as questões relativas não apenas ao acesso, mas também à produtividade da terra na produção de alimentos.

Tabela 1 – Origem dos trabalhadores rurais do N 4

Cidade	Trabalhador
Afogados da Ingazeira-PE	01
Afrânio-PE	02
Araripina-PE	01
Belmonte-PE	02
Cabrobó-PE	04
Campina Grande-PB	03
Casa Nova-BA	02
Curaçá-BA	02
Dormentes-PE	03
Floresta-PE	01
Juazeiro do Norte-CE	02
Juazeiro-BA	04
Lagoa Grande-PE	04
Monteiro-PB	01
Ouricuri-PE	01
Pequi-PE	01
Petrolândia-PE	01
Petrolina-PE	04
Santa Filomena-PE	01
Santa Maria da Boa Vista-PE	06
Trindade-PE	01

4.1. Origem geográfica das três gerações de trabalhadores do N4

Dessa forma, os trabalhadores procuravam, sobretudo, melhores condições de vida do que aquelas deixadas para trás. Chegaram à cidade com grandes esperanças de adquirir o emprego que garanta a reprodução social de seu grupo familiar. Entretanto, faltam-lhes características essenciais que poderiam ajudar na consolidação dos seus objetivos e que na verdade seriam responsáveis por colocá-los em situações diferentes daquelas por eles tão sonhada.

Assim, transformações nas vidas desses pequenos agricultores, atualmente trabalhadores rurais temporários ou avulsos, são profundas e se dão, especialmente, a partir da inauguração do PISNC e da decisão de se deslocarem para esta região traçando, deste modo, uma linha de separação temporal em suas vidas, qual seja, antes e depois do projeto Senador Nilo Coelho.

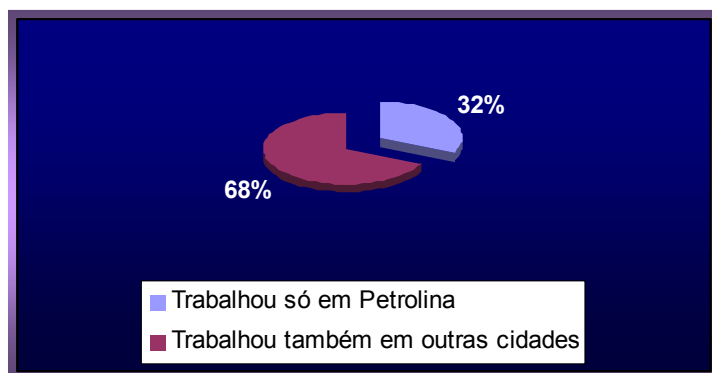


Figura 2 - Mobilidade geográfica do trabalhador rural do N4

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as transformações na vida de pequenos agricultores de sequeiro através de suas trajetórias geográficas com ênfase nas relações e condições de trabalho gestadas com o assalariamento na fruticultura irrigada de Petrolina. Ressaltando as particularidades do caso estudado, os resultados da pesquisa permitem fazer os comentários e as inferências que seguem.

Constata-se que a mobilidade geográfica é uma alternativa largamente utilizada por sujeitos sociais quando não encontram em sua localidade de origem as condições consideradas adequadas para sua sobrevivência. O estudo mostrou que esta é uma estratégia recorrente por parte daquele agricultor de áreas de sequeiro, que mesmo possuindo terras e, considerando a importância atribuída a esse bem, se desloca em busca de melhores condições de vida quando a terra não fornece as condições apropriadas para a sua exploração agrícola e tornando-se incapaz de propiciar as condições de sobrevivência. Desse modo, regiões de desenvolvimento constituem-se polos de atração, pois, os trabalhadores visualizam ali a possibilidade de melhor inclusão no mercado de trabalho, e conseqüentemente melhoria em suas condições de sobrevivência.

A pesquisa apresentou uma realidade em que o Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho (PISNC) atuou como fator de atração e acenou com a expectativa de melhor inserção através do trabalho assalariado. Não obstante o número de postos de empregos serem significativos para a região, não se fizeram suficientes para a inclusão do grande contingente que chega a cidade, somando-se ao contingente local de forma que a competitividade é crescente e a inclusão no mercado se dá para aqueles mais qualificados, ainda assim, sazonalmente. Contudo, muitos dos trabalhadores, apesar de não possuírem a qualificação requerida procuram suprir tal deficiência a partir da experiência de vida, concretizada dentro do próprio Perímetro.

Com o conhecimento empírico necessário para a realização das tarefas fica mais acessível a colocação no emprego. Por outro lado, essa colocação é temporária, uma vez que, apesar do controle de safras para produzir em épocas específicas do ano, não há vagas para todos, nem durante todo o ano. Assim, é comum encontrar entre os trabalhadores experiência em várias tarefas realizadas nas diversas espécies frutíferas na tentativa de obtenção de colocação por maior período de tempo possível. Muitas vezes, a estagnação econômica não oferece meios para o desempenho de ocupações não-agrícolas, que poderia contribuir para uma melhora na vida desses sujeitos em sua própria localidade. A adoção de políticas públicas para o desenvolvimento econômico e social deve considerar os municípios com sua problemática local, de forma que venha a evitar sofrimentos da população que migram pela total falta de condições de permanecer sob pena de comprometer até a alimentação. O que se observa é que as políticas priorizam alguns polos de desenvolvimento deixando localidades próximas totalmente à margem, obrigando grande parte da população a procurar alternativas individuais, como as migrações.

Os dados primários desta pesquisa mostram também que a modernização da agricultura, da forma que foi implementada no Brasil, e em particular, no Nordeste, contribuiu para a mobilização geográfica dos trabalhadores rurais. De acordo com ANDRADE (1998), a expansão da agricultura por grandes capitais

demanda o aumento de terra para a produção de grandes áreas agrícolas, principalmente em se tratando da monocultura, de modo que propriedades de terras antes arrendadas a pequenos produtores são requeridas para essas atividades. Sem essa ocupação o agricultor procura outras formas de trabalho. Portanto, analisando-se a realidade concreta do Núcleo 4 conclui-se que a principal mudança ocorrida na trajetória de vida do trabalhador rural, diz respeito à decisão de permanecer na cidade e buscar nas atividades não-agrícolas a alternativa de trabalho nos períodos de entressafra.

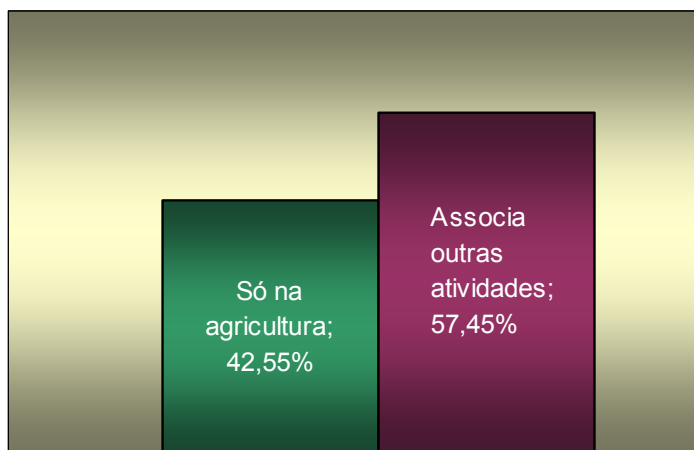


Figura 3 - Atividades desenvolvidas pelo trabalhador rural do N4

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE. 1980.

_____. Tradição e mudança. A organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do Submédio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. Lutas camponesas no Nordeste. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática. 1989.

ANDRIGUETTI, Ina. **Nordeste: mito & realidade**. São Paulo: Moderna, – (Coleção polêmica). 1998.

BRAIDO, Jacir F. As migrações na atualidade brasileira. In Migrantes, êxodo forçado. Centro de estudos migratórios. São Paulo. Edições Paulinas. São Paulo, 1980. pág 15-22.

CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração nordestina para São Paulo. VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Comunicação em sessão especializada: Migração e Diáspora. Set, 2000.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa e SILVA, A.C. “Estratégias produtivas e o trabalho de homens e mulheres na fruticultura de exportação” In CAVALCANTI, J.S.B. Org. Globalização, trabalho e meio ambiente, mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999a, p. 259-281.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. “Globalização e processos sociais na fruticultura de exportação do Vale do São Francisco”. In J.S.B. CAVALCANTI (Org.) Globalização, trabalho e meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação. Recife: Ed. Universitária/UFPE. 1999, p. 123-170.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa (1997). Frutas para o mercado global. Estudos avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançado da USP, São Paulo, 11(29) p. 114. 1997

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa e IRMÃO, José Ferreira. Globalização, integração regional e seus impactos sobre a produção familiar: Um estudo sobre o sistema de produção do Vale do São Francisco – NE Brasil. Trabalho apresentado ao GT Agricultura Familiar XVII Encontro Nacional da APIPSA. 1994.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa e MOTA, Dalva Maria da. Trabalhadores rurais no Brasil no fim do milênio. Editora Universitária: 2002.

CAVALCANTI, Josefa Salete, MOTA, Dalva Maria da. SILVA, Pedro Carlos Gama da. Olhando para o norte – classe, gênero e etnicidade em espaços de fruticultura do Nordeste do Brasil. 2002.

CODEVASF e Hidros Engenharia e Planejamento. Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho. Vol I. 1986.

DISTRITO DE IRRIGAÇÃO SENADOR NILO COELHO. Dados da Fruticultura. 2004.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios. Estudos Avançados, Sept./Dec. 2001, vol.15, no.43, p.173-184. ISSN 0103-4014. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>

GRAZIANO DA SILVA. José. A nova dinâmica da agricultura brasileira. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, cap 6. A industrialização e a urbanização da agricultura brasileira.

GRAZIANO DA SILVA, José. Tecnologia e agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis. Vozes. 1992.

JONES, Alberto da Silva. O ser, o nada e o novo: revolucionar as condições de existência.

KLEIN, Hebert S. Migração Internacional na História das Américas. In Fazer a América. Fausto, Boris (org.) São Paulo. 2.ed. Editora Universidade de São Paulo, 2000. pág. 13-31.

MARTINE, George. A trajetória da modernização da agrícola. A quem beneficia? São Paulo, Lua Nova, nº 23, março de 1991.

SILVA, Pedro Gama da. Articulação dos interesses públicos privados no pólo Petrolina-PE/Juazeiro-BA: Em busca de Espaço no Mercado Globalizado de Frutas. Campinas: UFPB, 2001. Tese (Doutorado em economia). Universidade Federal da Paraíba. 2001. 241p.